





TEATRO E OS POVOS INDÍGENAS JANELAS ABERTAS PARA A POSSIBILIDADE

Oguatás míticos Guarani e Kaiowá; caminhar entre Mulheres, Artes Cênicas e o fazer Corpo

Carla Ávila e Jade Ribeiro

Muitos dos Kaiowá que conheço contam que, no princípio de tudo, era a palavra, não existia a terra. Então, um dos seres cheios de palavra e de luz criou várias camadas de argila que se converteram em terra; esticou-as como se esticam os corpos cansados ao se espreguiçarem, para que todos os seres humanos - indígenas e não indígenas - tenham um lugar para apoiar os pés e erguerem seus corpos, física e espiritualmente (CHAMORRO, p. 2012, p. 215).

No esticar do corpo, argila da grande mãe primordial, agregam-se às camadas deste corpo/texto muitas outras vozes e saberes das mulheres que dividem conosco esse (re)existir, em um tempo-espaco-mítico estendido no passado, no presente e no outrora, dispostas a estudar encontros e hibridações de nossas interculturalidades nas Artes da Cena, em terras fronteiriças no Mato Grosso do Sul.



Como no mito fundador da criação da terra dos Kaiowá e Guarani, as camadas de nossas corpovivências nas Artes da Cena se convertem em corpo/terra, território, modos de existir e por esses lugares corpografamos a jornada pelo que os Kaiowá e Guarani costumam chamar de oguatá, nas palavras de Graciela Chamorro¹, “o Oguatá é a terra que se apresenta para os grupos indígenas chamados guarani como espaço que deve ser caminhado”. Oguatá é caminho e caminhar.

Uma terra caminhada é um espaço cultivado, ocupado, humanizado. O pensamento mítico e religioso desses povos integra na ideia criacional uma terra que deve ser caminhada, que comporte novos horizontes, que seja ocupada de modo humano e pleno (Meliá, 1987, p. 6)²

Assim é para nós também o espaço do fazer teatral, espaço cultivado, relacional, humanizado, desse desejo pela caminhada como um espaço criacional de um corpo/terra, escolhemos “o Oguatá” (o caminho) como estratégia de existência, narrativa de uma dimensão humana e plena, e é por esse caminhar cotidiano que apresentamos nossas falas e enfrentamos os inúmeros contextos sombrios com os olhos no horizonte dos caminhos que se anunciam, sem jamais perder a conexão que emerge do profundo útero da mãe terra dos quais seguimos (re)nascendo em Arte.

Importante destacar que nesse desafio de caminhar neste breve relato texto, enfrentamos o período da pandemia; parentes contaminados, muitos ceifados pela Covid, luto, cuidados com os filhos, com a casa, com o trabalho, com o fazer criativo, uma gravidez de risco, mais trabalho, um parto e a chegada de uma bebê, pequena menina indígena, vida que

1 Graciela Chamorro artista do canto, Doutora em História indígena e antropologia na FCH/UFGD, falante de guarani. Desde 1983, tem incursões no mundo indígena sua extensa produção bibliográfica convergem os resultados de suas pesquisas no âmbito da religião, da língua e da história dos povos “guarani” chamados históricos e dos contemporâneos. Atualmente trabalha na edição do segundo volume de um Dicionário Etnográfico Histórico dos povos índios reduzidos pelos jesuítas, em contraponto com a atual etnografia guarani (nhandeva), kaiowá e mbyá. Desde 2010 é colaboradora do grupo Mandi’o que trabalha com artes da cena e povos ameríndios.

CHAMORRO, Graciela. *Narrar com os pés: uma aproximação da história oral desde a perspectiva kaiowá*. In: *História Kaiowa*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora. 2015.

2 MELIÁ. B. *La tierra sin mal de los Guaraníes, economía y profecía*. Suplemento Antropológico, Asunción, CEADUC, 22 (2):81-98, 1987.



chega como anúncio de que as camadas de corpo/terra seguem se expandindo e (re)existindo.

CAMADAS MULTIVERSAS; nós

Olá, meu nome é Jade Regina Ribeiro, eu nasci na cidade de Dourados, na aldeia Jaguapiru, em 1998, hoje tenho 23 anos, sou graduanda em Artes Cênicas na UFGD, faço audiovisual, sou artista, universitária, esposa, mãe de três crianças ainda pequenas e fui criada na aldeia de Dourados, Jaguapiru.

Estudei sempre na escola da aldeia e mesmo assim nunca estudei em minha língua materna. Tinha 7 anos, eu estava na segunda ou primeira série e como aqui na aldeia tem mais professores karaí, não indígena, eu senti o preconceito na minha pele e na pele dos meus colegas que falavam a língua materna. Este processo foi muito difícil, porque os professores não entendiam o que os meus colegas falavam. Teve uma vez que os meus colegas que não falavam a língua materna, fizeram uma piada com uma amiga, isso mexia muito comigo. Eu cheguei e comentei com minha vó sobre como eles estavam rindo da menina, porque ela falava a língua materna e como isto me abalou. Minha vó decidiu que não ia mais falar o guarani com a gente, minha colega sofreu preconceito porque ela falava a língua e eu deixei de falar. Por isso, hoje, eu não falo mais o guarani, mas entendo.

Assim, desde a palavra, as injustiças são parte de nossa realidade como indígena no MS. Dentre essas inúmeras injustiças, vou contar um relato que vivi numa área de conflito, numa área de retomada. A gente foi convidada para participar da tropa de apoio, ficamos uma semana ali com eles. Isso foi em 2015 e uma coisa que me marcou muito foi a dona da fazenda ter mandado pistoleiros em uma Kombi, além da forma como falou, ela foi muito irônica.

Quando nos viu em reunião, ela perguntou o que estávamos fazendo e quando a gente ia acabar com a palhaçada, que ali não era o nosso lugar e que os pistoleiros que iam chegar, estavam descendo para atirar em todo mundo. Mas quando a gente está numa área de conflito define qual é a função de cada um, o que tem que fazer e quais são os códigos [...].

Quando a Kombi chegou já tínhamos recebido um código, assim a gente foi ver. A comunidade, que estava toda junta, fechou esta Kombi, muitos estavam armados com flechas, pedaços de madeiras, facões. A gente estava ali sem nada, sem armas - ou brigava ou morria. Antes deles descerem, nós



conseguimos fechá-los e nossa liderança pediu pra eles abrirem o carro e quando abriram estavam com as pistolas todas apontadas pra nosso lado dizendo que iam atirar pra matar, mesmo todo mundo ali com medo. Nossa liderança maior entrou no carro e todo mundo tentou invadir, só que ninguém atirava nem de um lado, nem do outro e a gente disse que ia ficar ali e que mandasse o recado. Naquele momento, vimos o quanto a união faz a força.

Eu acho pesado como as pessoas lidam com a demarcação aqui. Por exemplo, eu ouvi na cidade: “Ah! Aquele índio invasor”. Passa em algum lugar: “Ah! Aquele índio sujo, vagabundo, invasor”. Eu lembro também uma vez em que a gente foi convidado para assistir ao filme “O martírio”³, na UFGD, tinha uma galera da aldeia e eu. As pessoas lá, quando viram e terminaram de assistir, não sabiam o que falar pra gente, não sabiam se elogiavam, ou se davam um abraço. Achei estranho! A gente vive isto, a gente vê isto direto! Essa é nossa vida aqui no MS.

Oi, sou Carla Ávila, nasci e cresci em Campinas-SP, mas após os 21 anos, depois de muito dançar, saí pelos caminhos do mundo a conhecer culturas e ancestralidades. De lá pra cá, são 25 anos. Hoje, moro em Dourados, MS, sou mãe, artista docente na UFGD⁴ e pesquisadora de Dança/Teatro/Performance, prefiro dizer das Artes da Cena, porque cada dia mais desfazer fronteiras, quebrar cercas, faz mais sentido para mim do que delimitar territórios.

Lembro de meu primeiro “Oguatá”. Doze horas me separavam de Campinas (SP) a Dourados (MS), eram horas observando como a paisagem se transformava e ao atravessar a ponte que divide o estado de São Paulo do Mato Grosso do Sul, ao fitar o horizonte, parecia estar olhando aquela linha divisória infinita entre céu e mar, só que agora com um infinito de pastagens e bois, ou infinitos de soja, milho, eucaliptos e um mar de monoculturas. Nenhum sinal de grandes cidades e grandes teatros.

As retas infinitas pareciam nunca ter fim e surpreendentemente as fazendas e o desmatamento também não, raramente se encontrava um corredor com uma “florestinha”. Curioso é observar uma única árvore de madeira de lei poupada pela



3 Filme Martírio (2016), 160 min, dir. Vincent Carelli. Fala sobre a realidade das populações Guarani Kaiowá e o genocídio em que esta população se encontra.

4 Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Cênicas foi criado em 2009 e está sediado na Faculdade de Comunicação Artes e Letras da UFGD, Dourados no Mato Grosso do Sul.

lógica do agronegócio, aqui e acolá, essas centenárias se mantêm altivas, tristemente solitárias em meio aos pastos e plantações. Curioso ainda e, profundamente triste, é ver a quantidade de animais atropelados nesses “retões”, malhas mortais para a fauna do estado, e compreender o que esta devastação de vida representa para o modo de existir dos povos indígenas deste estado.

Desde que cheguei, ao caminhar na região de Dourados, reconhecia a presença forte da cultura indígena Kaiowá e Guarani e ao mesmo tempo que essa população me despertava profundo e genuíno interesse. Longe de minhas utopias paulistanas, os Guarani e Kaiowá do MS encontram-se em uma grave crise humanitária, em situação de risco e genocídio. Nas ruas, a população indígena está presente circulando em suas motos, bicicletas, há sempre carroças com mães e crianças indígenas ou vendendo mandioca ou pedindo alimentos e quase sempre essas mulheres e suas crianças parecem ser (in)visibilizadas por parte do poder público e por grande parte da população da cidade.

Com seu andar peregrino Ñandesy
recria o mundo desbravando a mata.
Desde então a palavra também é um
ser peregrino, e caminha entre nós
(CHAMORRO, 2012, p.217)⁵

CAMADAS MULTIVERSAS; Educação, Arte e (inter)culturalidade

A minha relação com arte na escola sempre foi com professor kará e a única semana que a gente via algo assim da nossa cultura era na semana de 19 de abril, a semana de povos indígenas. A escola fazia muitos eventos como brincadeiras tradicionais, alimentos, feira, desenho, poesia com alunos da escola. Na escola onde estudei, a Escola Tengatui, a gente começa a ter aula de Guarani e Terena no sexto ano. Do pré ao quinto ano, a gente não tem aula de língua materna e na maioria das vezes não é professor indígena é um sempre um kará.

Uma questão que eu deixo: uma criança que falou até os cinco anos a língua materna, quando entra num contexto desse dentro da sala, ela vai ter dificuldade de comunicar para



pedir para ir ao banheiro, para lanchar. Como que a criança vai ficar neste contexto? Como um professor karáí pode ajudar nesse ponto?

O meu primeiro contato com as artes cênicas e a minha busca por este curso foi a apresentação que eu vi, em 2014, na Escola Estadual Guateka Marçal de Souza, onde eu estudava. A apresentação de teatro era de uma turma da UFGD, do Coletivo Moenda. “Amizade é uma coisa, farinha é outra”⁶ e contava a história de um amigo que explorava o outro. Eu fiquei tão alegre, pois vi todo mundo da escola participando com os alunos, professores, diretor e faxineiros e todos participaram e isto foi encantador porque eu sempre gostei de pessoas e falar com pessoas. Isto marcou muito em mim, o Teatro, porque fizeram todo mundo do contexto participar.

Em uma das primeiras aulas de Artes/linguagens corporais que ministrei, no curso de licenciatura indígena TEKOARANDU⁷, com a disciplina “Arte na educação escolar indígena”, vivenciei muitas dificuldades, mesmo antes do encontro com os estudantes.

Eu me questionava sobre minhas habilidades e competências para ensinar, o que é arte para os povos indígenas, o que era arte para aqueles estudantes e por que ensinar arte em escolas indígenas? Essas eram algumas das muitas indagações que fazia a mim mesma enquanto estudava artigos e teses para preparar a disciplina. No primeiro dia de aula, ainda cercada das questões, iniciei a aula falando da importância da Arte para nos tornar melhores seres no mundo, melhores cidadãos.

Foi quando lá do meio do círculo de cadeiras, um braço se levanta e com olhos atentos e brilhantes, um discente indígena

6 “Amizade é Uma Coisa, Farinha é Outra!” é baseado no conto “O Amigo Dedicado”, do escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900). A história é um relato da amizade entre Florindo, um homem simples, do campo, que se orgulha de ter como melhor amigo o falador Osvaldo, rico proprietário de terras da região. A dramaturgia propõe uma reflexão sobre questões humanas universais, como o sentido da verdadeira amizade e do desprendimento, a ética nas relações entre as pessoas, o egoísmo, a luta pelo território, as diferenças sociais e suas consequências. A peça é parte do projeto de pesquisa “Laboratório de Pesquisa em Atuação”, coordenado pelo professor e Diretor Teatral desta e de outras obras, José Parente.

7 Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tekoarandu, Faculdade Intercultural Indígena- FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, MS. Este Curso tem como objetivo habilitar os professores Guarani e Kaiowa, em nível superior de licenciatura, para o atendimento a Educação Escolar Indígena, conforme preconiza a Lei, nos níveis do Ensino Fundamental (anos finais) e médio, nas modalidades da Educação Básica, especialmente nas escolas de suas comunidades, tanto na docência como na gestão escolar. (Projeto Político Pedagógico TEKOARANDU, FAIND, 2012).



pergunta-me com o português como sua segunda língua;

- Professora, o que significa cidadão?

Aquela pergunta, muito mais do que as minhas, me acertou como um raio com uma trovoada grave sobre minha cabeça e coração. Olhei bem para ele, buscando a mesma sinceridade no olhar e resgatei, em meus pensamentos, ideias. Fiquei migalhando palavras na tentativa de responder algo positivo à altura da importância daquela pergunta vinda de um universitário Guarani e Kaiowá. Não encontrei nada que pudesse explicar bem o que poderia ser um cidadão naquele contexto e indiquei aos estudantes que fizéssemos uma pausa para uma água. Na verdade, eu é que precisava desesperadamente de uma pausa.⁸

Quando cheguei na faculdade, eu já era mãe, tinha minha filha, que hoje tem nove anos. Na época, ela estava com seis anos e agora sou mãe de mais um menino de dois e uma bebê recém-nascida. Eu escolhi artes cênicas porque como a aldeia tem muito opressor na cidade de Dourados, todos sofremos muito preconceito em olhares, falas. Eu mesma já passei por um monte de piadinhas na cidade por ser índia, ou pela minha cor, ou pelo jeito que me visto.

A mídia de Dourados também é muito manipulada e manipuladora. Eu resolvi fazer artes cênicas porque em um teatro você pode entrar em altos espaços da comunidade para lidar com muitos temas de uma forma tão criativa, o teatro mostra muito a realidade da gente. Por isso, ser mãe, estudar artes cênicas, ser artista no contexto desta pandemia em Dourados, pra um indígena é resistência. Por isso, para mim, o teatro é na minha vida uma inspiração e eu gosto muito do meu curso, eu queria fazer e faço artes cênicas para ser atriz e quero trabalhar na área com a juventude e as mulheres indígenas.

CAMADAS MULTIVERSAS; “artivismo”, imaginário mítico ancestral e território

Depois de tantas imagens corpografadas na universidade, nas visitas às aldeias, no convívio com os estudantes indígenas



8 Fragmento das Teses “Corpografias originárias: processo de imersão poética intercultural.” Ávila. C. – Campinas, SP: [s.n.], 2020. Doutorado em Educação, desenvolvido junto a um grupo de professores indígenas guarani e Kaiowá do curso de Licenciatura indígena TEKOARANDU, FAIND-UNICAMP, no grupo de pesquisa LABORARTE, Faculdade de educação UNICAMP, sob a orientação de Márcia Strazzacappa.

Disponível em; <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/347718> acesso em 04/07/2021

e não indígenas, nas festas e visitas a acampamentos e festivais de teatro não era possível seguir trabalhando com Artes Cênicas e não perceber que os ensinamentos no projeto político/pedagógico do curso ou o que a grande maioria de nós artistas docentes criávamos, em quase nada dialogava com a cultura Guarani e Kaiowá ao nosso redor.

Nas disciplinas, comecei a perguntar aos estudantes se eles tinham familiares ou amigos indígenas ou se já tinham visitado uma aldeia próxima. Assustadoramente durante anos seguidos a enorme maioria nunca desconhecia as populações indígenas da região (ou preferia contar assim suas histórias). Para mim, diante da crise vivida pelos Kaiowá e Guarani no MS era urgente descolonizar o pensamento, o gesto, nossos corpos e as Artes da Cena no estado.

Quanto de nosso senso de belo está pautado “fora” de nossas realidades do Sul? Quanto tempo mais será necessário para que olhemos para dentro, para questões sociais, étno-raciais e éticas e estéticas que estão ao nosso redor para mostrarmos tais questões nas Artes da Cena? Ao valorizarmos não com olhar extrativista colonizador, mas como ponto de partida de uma potência ética-estética e criativa (trans)formadora⁹, artista? Quando será que a arte produzida por nós será capaz de também descolonizar os fazeres/pensamentos nos contextos das artes da cena?

Por essas e por outras questões, criamos um coletivo de artistas/pesquisadores e universitários em 2010 – o Grupo Mandi’o e, em 2012, o projeto de extensão “Cantos e Danças Guarani e Kaiowá”, em parceria com as aldeias e grupos indígenas Panambi, Panambizinho, Aldeia Bororó e Jaguapiru, grupos acampados; Ita’y e Guyracamby’i, na tentativa de iniciar nossas “Alianças Afetivas”. Até o ano de 2016 nunca tivemos um(a) estudante indígena que tenha frequentado o curso com regularidade, e isso também era uma grande questão... Por quê?

A faculdade é um mundo novo pra gente. Quando cheguei, em 2017, no curso de Artes Cênicas, era a única indígena da turma e fui bem recebida por todos, as pessoas me trataram e me tratam bem. O que mais me chamou atenção foi a forma



⁹ Tais reflexões são problematizadas na Tese de ÁVILA, C. *Corpografias Afro-orientadas e Ameríndias: cartografias de processos de criação em Dança Teatro Brasileira*. 2018. Tese (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes ECA, Universidade de São Paulo, USP São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.27.2018.tde-05122018-102708. Acesso em: 2021-07-18. Tese orientada por Sayonara Pereira. Disponível em; <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-05122018-102708/pt-br.php>. Acesso em: 04/07/2021

que me senti tão eu, encontrei pessoas iguais a mim, que passam por coisas iguais a mim e estão lutando por algo. Isto que me chamou mais atenção em cênicas. Uma coisa que acontece na faculdade é essa dificuldade de entender e por isso sobra vaga de indígena, porque o indígena que mora na aldeia, que fala língua materna fluente, chega nesse contexto bem diferente da faculdade, não conhece nada, são palavras novas. Parece que a faculdade é um enigma na mão do acadêmico recém-chegado que mora na aldeia. Eu acho isso difícil demais, a faculdade é pública e por que não tem professor qualificado pra falar a língua indígena, por que não tem um tradutor que possa falar a nossa língua?

Existem também outros desafios. Uma vez um colega falou que tinha dó de mim porque eu era indígena e que não sabia o que eu estava fazendo naquele contexto. Só que é difícil entender a dor do outro sem ser o outro. A gente pode se pôr no lugar dele, mas sentir a dor que ele está sentindo é difícil. Eu também vi que é bom adquirir mais conhecimento, a gente acessar as coisas para ajudar outras pessoas. Eu mesmo quando quero fazer, aprendo e ensino. Tudo eu passo para a comunidade. No curso de cênicas também me alimento de ensinamentos e aprendizados e depois divido esse aprender.

Em ocasião da escrita desse texto, fomos, Jade e eu, visitarmos o Sr. Jorge e a Dona Floriza e contar-lhes que agora o Grupo Mandi'ó também tinha uma parceira artista indígena. O casal de lideranças nos lembraram de nossos feitos no tempo do espetáculo “Ára Pyahu; descaminhos do contar-se” (2014-2016)¹⁰ e fizeram questão de contar à Jade a importância do projeto do Teatro em parceria com os grupos indígenas, reafirmando o quanto os projetos do Mandi'ó os alegravam, porque ajudavam as crianças que estão crescendo vendo essa arte valorizar a cultura, como Jade. E de fala mansa e pausada me diz; **[...] Mandi'ó Ha'e upeixa yma opyrun ko yvype jave Ha'e ou pentei kunha iporã Upe'a Ha'e nhandejara rajy te'e Ha'e ogueruma voi ojehe Pentei tembi'u tuixava ogueru oi ojehe ikamyre pentei kamby Upe'a Ha'e omokambu haguã membykuera ko yvypype ha Mandi'ó Ha'e oin pe'en koagã ipyahuva nderehechaveima ha ndereikua'aiveima mba'epa**



10 MARSCHNER, A. *Trajatória do Processo Criativo em ÁraPyahu, des/caminhos do contar-se*, Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Artes Cênicas, UFGD, 2014

_____. *-Saberes do corpo kaiowa - lugar de murmúrio e resistência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes IA/UNICAMP, Campinas, SP: [s.n.], 2019.

ojehu araka'e oime Ha'e heta Mandi'o, Mandi'o jeruti, mitã kunha Mandi'o, Mandi'o mirim [...] E continua reforçando suas afirmações_ Carla quando a gente fala, eu escutei você falando no Mandi'o, de Mandi'o vem dele muito, muito, muito alimento a nossa época, como minha avó, meu avô, minha mãe mostrava pra gente como é que o Mandi'o tem uma proteína.[...] agora nós não estamos sabendo nem fazer um biju, então Mandi'o entra muito, não é só farinha, não é só mandioca cozida. Na época, nosso leite foi feito com mandioca [...]. Têm várias coisas para falar sobre mandioca, existem a mandi'o mirin, mandió guassu e entre muitas tem a "Tapiti kue". "Tapiti kue" é uma raí, Ñandesy pegou e quebrou a raiz e plantou, quando nasceu, nasceu três e ali nasceu a mulher, as mães, a mulher que dá o leite.

Ao ouvir esse relato mítico da mulher raiz, refleti na dimensão potente e simbólica da fala daquela sábia "Jari" que tanto nos ensina, e no poder de nós mulheres artistas, por meio de nosso caminhar, nos nossos fazeres sociais e artísticos. Movemos mundos, alimentamos o viver e transformamos realidades por meio do "ativismo" teatral, do movimento do canto/dança e o sonhar constante na dimensão das Artes da Cena.

Eu acho que as cênicas podem ajudar em muitos aspectos da minha vida, como mãe, como indígena defendendo o meu povo. Com a arte a gente articula. Vou Falar do "Kou Kuera"¹¹, o que quer dizer, "aquele dali" criamos um canal no YouTube com o intuito de mostrar nossa aldeia Jaguapiru. Ano passado o canal foi contemplado com a lei Aldir Blanc e a gente conseguiu comprar algum equipamento e com o dinheiro a gente fez, no final do ano, em dezembro, uma arrecadação para as crianças, tudo em prol da comunidade. As artes cênicas eu quero terminar e montar um espetáculo que fala realmente o que acontece com o indígena na cidade, na área de conflito. Abordar todos os temas com a arte, porque a arte cura.

¹¹ O "Kou Kuera" é uma palavra em guarani que significa "desses dali". Pensando na importância de mostrar um pouco da nossa realidade enquanto indígenas da etnia Guarani e Kaiowá, da reserva indígena Jaguapiru e Bororó - Dourados/MS, buscamos utilizar as redes sociais para falarmos sobre o cotidiano da aldeia, das condições dos meios de transporte, dos remédios caseiros, da nossa luta pela sobrevivência dentro e fora da nossa comunidade! Daremos também voz às lutas das mulheres indígenas e as nossas expressões de resistência em frente a todos os preconceitos que sofremos por sermos indígenas. A nossa cultura terá um espaço de destaque, mostrando nossos cantos, rezas, artesanato e os nossos talentos. Link; https://www.youtube.com/channel/UCJE4waBgy_xEhV-lyn_zmKaw/featured <https://m.facebook.com/profile.php?id=100015497773116>



Na universidade me vejo como uma resistente, como todos os meus colegas, porque todos lutam contra o preconceito. Isto faz de nós artistas resistentes, porque arte é resistir. Penso que as artes cênicas podem salvar muitas expressões mal contadas sobre nós, pelos karaí. Por isso, eu escolhi fazer cênicas porque as cênicas podem falar sobre a verdade de meu povo de uma forma artística.

O que eu vejo muito é que os karaí dão mais valor para um quadro pintado do que para o próprio indígena. Preferem o quadro do que tentar entender como ele vive, como o indígena vê o espaço, porque ele não tem a mesma visão das coisas que o karaí. Eu acho que a arte vai mostrar a nossa realidade de verdade, um índio mostrando a arte da realidade, isto choca as pessoas. A arte vai ajudar bastante, minha ideia de fazer arte cênicas é mostrar histórias reais, nosso conhecimento, aprofundar na minha ancestralidade, por isso tenho pesquisado bastante, buscando minha vó, ouvindo minha vó. As poesias que eu escrevo, me inspiro nas coisas aqui da aldeia, nas mulheres, quando eu entrei na faculdade, eu aprendi uma palavra nova que se diz FEMINISMO. Esta palavra despertou em mim, quero falar mais das mulheres indígenas.

Na relação entre o teatro e os povos indígenas nós mulheres indígenas e não indígenas nesses anos de partilhas seguimos atravessadas pelas cosmovisões Guarani e Kaiowá dos grandes arquétipos femininos, assim entendemos parte desse mesmo corpo/cosmos criador. Na cultura Kaiowá e Guarani a terra se estica, murmura, é viva, se expande. Assim neste fazer corpo o corpo também é terra, território, é caminhar e caminho, o teatro e os povos indígenas devem estar sencientes de nossas (co)relações, (co)existências expandidas como a terra que se espreguiça e sussurra; “Somos terra, filhos de Nhandesy mãe corpo/terra, alimentados por Maní corpo/alimento; renascimento e cura”.

Minha vó sempre falava desde que eu era pequeninha: estuda menina, estuda menina! A única coisa que não vai te deixar. É bem verdade mesmo o que ela falava com a gente. Hoje também diz, minha neta é artista, ela não fala fotógrafa, ela fala: é dona da Câmera. Hoje ela e meu avô, que mora no Mato Grosso, fala pra todo mundo: minha neta é atriz, artista!

Seguimos (re)existindo, acreditando que as Artes da Cena sejam também um corpo/mulher/terra que se expande, onde



seres plenos de palavra e luz criem espaços para que todos os seres humanos - indígenas e não indígenas - tenham um lugar para apoiar os pés e erguerem seus corpos, física e espiritualmente. Aguygevete!

AUTORAS

Carla Ávila é coreógrafa, diretora, performer, pesquisadora, artista-docente. Atualmente está como diretora da Faculdade de Comunicação Artes e Letras (UFGD) e artista-docente no Curso de Artes Cênicas. Desenvolve pesquisas no campo do Corpo e Ancestralidade. É também diretora do Grupo de Pesquisa, Extensão e Arte sobre Culturas Afro-Ameríndias e Artes Cênicas MANDI'O.

Jade Reginaldo Ribeiro, artista indígena da etnia Guarani-Kaiowá, graduanda do curso de Artes Cênicas, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atua com diversos segmentos da atividade artística de forma autônoma na Aldeia Jaguapiru em Dourados (MS) e é intérprete-criadora no Grupo de Pesquisa, Extensão e Arte sobre Culturas Afro-Ameríndias e Artes Cênicas MANDI'O.

